



Universidade espera reajuste do INPS

Hospital da Puccamp pode dar prejuízo de 800 milhões

O vice-presidente da Mantenedora "Sociedade Campineira de Educação e Instrução", Darcy Paz de Pádua, confirmou ontem, em entrevista coletiva à Imprensa, que a Puccamp só não se inviabilizará em curto espaço de tempo "se depender do esforço de toda comunidade acadêmica". Segundo ele, a Puccamp, como toda universidade brasileira, está uma "corda bamba" onde, se os problemas financeiros não forem resolvidos, "ela pode se tornar inviável em dois ou três anos".

E mais: o Hospital Universitário da Puccamp, "Dr. Celso Pierro", localizado no campus II da Universidade, e que já teve 30% de sua capacidade desativada este ano, poderá ter um prejuízo superior a Cr\$ 800 milhões, considerados "insuportáveis" pela Mantenedora. O que significa que, se a Puccamp não receber um reajuste de verbas do convênio com o INPS "compatível" com a inflação, a desativação parcial, como já foi feita, "não adiantará mais".

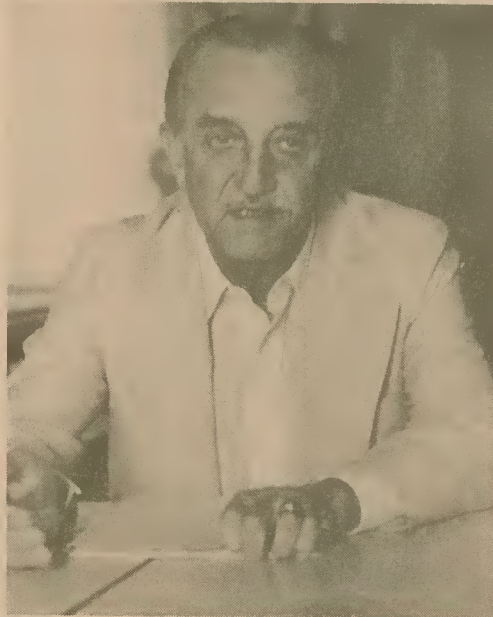
De acordo com o vice-presidente da Mantenedora, a maior preocupação agora, em relação ao hospital, é de que não haja mais movimentos reivindicatórios por parte dos médicos e estudantes do campus II, pois, embora descartada a hipótese de demissões em massa, "não podemos mais atender a nenhuma despesa extra e receio até — acentuou ele — que poderemos nos manter no próximo ano".

Apenas anuidade

O Hospital da Puccamp, atualmente com 150 leitos ativados, funciona com condições mínimas exigidas para o ensino médio de Medicina e outras disciplinas na área. Todo equipamento caríssimo e ocioso, por exemplo, comprado na administração anterior — e que contribuiu para uma parcela da dívida atual de quatro milhões de dólares da Universidade, pela construção de 34 mil metros quadrados dentro dos 360 mil metros quadrados do campus II, foi vendido há dois anos e o dinheiro empregado no pagamento de juros da mesma dívida.

— A receita da Universidade provém apenas da anuidade estudantil, acrescenta Darcy Paz de Pádua, explicando que o subsídio governamental é "irrisório" e que por isso, a dívida de quatro milhões de dólares, contraída em 1980, dificilmente poderá ser paga se a Universidade não conseguir outras alternativas de rendas.

Entre elas, a esperada é a de anulação do tombamento do Prédio Central da Puccamp, de 8.600 metros quadrados, localizado bem no centro da cidade e que, segundo cálculos envolvendo a especulação



Pádua: Universidade está "na corda bamba"

imobiliária, teria o valor exato para cobrir a dívida e ainda auxiliar a Universidade em outros pagamentos pequenos a serem cumpridos.

Única salvação

De acordo com análise do vice-presidente da Mantenedora, no entanto, a venda do Prédio Central — que depende "exclusivamente" da definição do governo estadual — "desafogaria" a Universidade da dívida atual, reduzindo em 70% o déficit da Puccamp. Os 30% restantes a pagar seriam cobertos por convênios ou empréstimos de entidades de crédito governamentais. Isso depende, como acentua, da inflação, da alta de dólares e principalmente da atuação do governo estadual que poderá ajudar a Universidade a sair de uma situação perigosa ou então deixá-la em "dificuldades sérias".

Darcy Paz de Pádua explica ainda que o orçamento da Universidade, que engloba a soma dos orçamentos de cada unidade acadêmica, está equilibrado. Isso porque, segundo ele, o "esforço da comunidade universitária no controle de despesas e receita" consegue manter-se firme embora a crise atual obrigue muitos universitários a deixarem de pagar em dia suas contas e a verba governamental, que deveria suprir pelo menos metade da receita prevista para este ano, de Cr\$ 16 bilhões, deverá ser (e ainda se sair) de Cr\$ 500 milhões, ou seja, nem 3% do necessário para a Universidade.

Para a Universidade "salvar-se", já que vendeu todas as áreas ociosas, como por exemplo, o prédio antigo do Conservatório Musical Carlos Gomes, a única solução seria, portanto, o não tombamento do prédio central — já dado pelo Condephaat — e a sua rápida comercialização.

Ou então, o "rolamento da dívida", como tem sido feito, até obtenção de empréstimos de entidades governamentais.

Campus I vai sediar mais cursos em 85

A mudança das 15 unidades do prédio central, mais as faculdades de Serviço Social e Letras — que estão em prédios alugados no centro da cidade — para o Campus I deverá ocorrer no próximo ano, segundo recomendação da Mantenedora à Reitoria da Universidade. Para Darcy Paz de Pádua, vice-presidente da Mantenedora, essa alteração física poderá tornar-se viável "mesmo em situação de compressão de despesas", já que do ponto de vista estrutural do antigo prédio da Puccamp, "não há mais condições de ensino no local".

— Além da conservação ser muito cara — explica ele — já há um projeto de mudança em fase bem adiantada que implicará na construção de prédios simples e sem muita sofisticação que poderá ser realizada a partir de verbas mínimas obtidas em convênios ou empréstimos de órgãos financiadores do governo.

A mudança para o Campus I, localizado na via D. Pedro I, está sendo planejada cuidadosamente e aguardada, segundo o vice-presidente da Mantenedora, pela Instituição, como um meio também de "desafogar" a Universidade em termos de orçamentos. É que o Campus I, com 700 mil m² de área, comportaria todas as unidades da Universidade — menos o setor de Saúde — barateando, dessa forma, o custo operacional.

Uma das soluções para minimizar a situação de déficit da Puccamp seria também a venda dos 326 mil metros de área ainda não construída no Campus II, ou então a desmobilização da área total, de 360 mil m² (onde 34 mil m² são ocupados por áreas construídas). Só que isso, segundo Darcy Paz de Pádua, está sendo difícil, atualmente, de ser efetivado por causa da recessão e da falta de interessados no local. A dívida da Puccamp, de 4 milhões de dólares, está na mão de três credores: O Citybank, o Banco Econômico e o próprio Vaticano — que há três anos ajudou a Universidade a pagar uma grande parcela da conta deficitária.